mino rosso

um conto em ponta de dedos

traduzido por

daniel dos anjos silva

turim 2026

capa desenhada pelo autor

N© Delfino Maria Rosso - 2019

reprodução autorizada para fins não comerciais desde que citando a fonte

mino rosso

um conto em ponta de dedos

eu, o pequeno príncipe

título original - un racconto
in punta
di dita

io,
il piccolo principe

traduzido por daniel dos anjos silva

turim - 2026

uma bela ideia: contar através de imagens um relato inteiro sobre as unhas dos dez dedos. (daí o título). não sei como essa ideia me veio. talvez porque em minhas viagens eu sempre reservei uma atenção particular ao *símbolo* na estética tradicional. não é por acaso que agora eu esteja trabalhando em uma pesquisa que diz respeito aos pequenos símbolos ornamentais nas diferentes culturas. eu deveria reapresentá-los sob a forma de desenhos também a serem transpostos sobre as unhas. já o fiz. às vezes. porém de modo fortuito. mas tudo isso pouco importa. importa agora, ao contrário, o que pensei recentemente. novamente repito: contar através de uma imagem, inserida em cada unha, um fragmento de um texto ou um livro inteiro. deve ter me agradado a ideia de que aquilo pintado em um espaço tão pequeno seja levado aos olhos dos outros para se tornar não apenas um

ornamento, mas também um pretexto para introduzir uma discussão qualquer, até mesmo uma não frívola. tudo depende de: de quem são as mãos e dos olhos que se pousam sobre elas. procurei entre os muitos livros, que tenho à mão, aquele que considerei melhor se prestasse para esta primeira publicação. assim escolhi o *pequeno príncipe* de antoine de saint-exupéry. ou melhor, sobre uma de suas adaptações. a minha: **eu, o pequeno príncipe** publicado na tunísia pelas *edições finzi* e reimpresso recentemente em turim. encontra-se também online. ao relê-lo, para extrair os fragmentos de comentário às imagens, pareceu-me útil repropor aqui, por inteiro, a nota inicial. creio que ela possa servir para melhor precisar o fim deste trabalho. aqui vai ela:

é decididamente coisa de gente grande considerar "o *pequeno príncipe*" um livro para crianças, e as crianças ainda são muito *frágeis* para poder entendê-lo. por isso foi escrito para todos os grandes que já foram crianças uma vez e se lembram disso. talvez ainda existam. e é para esses grandes que foi reescrito em versos, e de modo ainda mais essencial, este solilóquio fiel e contraditório, até frágil. e se é *preciso ter algo a dizer para escrever* então isso também deveria ser justificado. é o solilóquio de um eu-complexo com os próprios eus, num mundo simplificado, mas apenas na aparência, onde quase todos os personagens são reunidos em um só. um eu que é, ao mesmo tempo ou de vez em quando, o rei, o vaidoso, o bêbado, o homem de negócios, o acendedor de lampiões, o geógrafo e, sobretudo, o aviador (o grande) e o *pequeno príncipe* (a criança). toda a história se cumpre

dentro deste eu que, por sua parte de criança, vive em seu planeta tão pequeno, onde o baobá, grande como o medo, está pronto para *atravessá-lo com suas raízes*. a vida é, também aqui, sempre a mesma para um eu e o seu "enamoramento". enamoramento por uma flor. flor pela qual se morre um pouco de cada vez. mas talvez também a flor faça parte do eu-complexo como sua projeção. este é um discurso sério que deve ser deixado para quem sabe *contar as estrelas para possuí-las* e não conhece *a cor do trigo*. o mundo externo entra na história apenas pelas poucas figuras que encontra na terra: a ovelha, o astrônomo, as rosas, o chefe de estação, o mercador, a raposa e a serpente. é a raposa, que sabe o que quer dizer *cativar* e é também razoável, que faz o eu-complexo dar o passo adiante em direção à integração de quem é só grande. e para fazê-lo depois tornar-se

apenas grande de uma vez por todas se encarrega a serpente, o bote amarelo de uma morte invisível que apaga para sempre o *pequeno príncipe* do eu com a *desculpa séria* de levá-lo de volta à sua flor inventada. morre-se sempre na parte mais frágil, pressionados pela urgência de se tornar aquilo que se acredita dever tornar-se. sem perceber se acaba inevitavelmente só grande. as contas, *o bridge*, *a política* e *as gravatas* tornam-se, de certo dia em diante, os interesses do novo homem *satisfeito* e *tão razoável*. torna-se só grande apesar de tudo. e se torna quando já não se é capaz de inventar uma flor pela qual morrer. é só uma questão de tempo. dizem que é uma sorte. e pode até ser verdade.

adeus pequeno príncipe!

este longo preâmbulo me parece advertir que, muitas vezes, mesmo por trás de algo que pode parecer, se não banal, ao menos leve, escondem-se significados imprevistos, de pouca legibilidade numa leitura apressada. pode até ser útil recordar que, com frequência, esquece-se como uma ideia vai-se complicando gradualmente com o passar do tempo ao ser realizada. se se deseja chegar a algum resultado apreciável, é preciso resolver uma série de problemas. neste caso: a sequência, o sentido de observação da imagem e a forma da unha sobre a qual pintar. quanto à sequência: convém lembrar que existem muitos modos de contar os números com os dedos. antes de enfrentar esta aventura, eu nunca havia percebido isso (ou não havia prestado atenção). a título de exemplo, apresento o meu: a numeração começa com o número 1 no polegar da

mão esquerda, seguindo depois com o 2 no indicador, 3 no médio, 4 no anelar e 5 no mínimo. no polegar da mão direita está o 6 e, em sequência, até o 10 no mínimo. mas esse, como já disse, é apenas um dos muitos modos possíveis. daí a dificuldade de atribuir uma numeração aos, por assim dizer, capítulos do livro segundo uma lógica temporal que um relato exige. nesse ponto, socorreu-me a ideia de que, sendo as mãos os personagens principais, os dedos podem ser vistos como sujeitos que comunicam entre si sem uma ordem preestabelecida. esse convencimento pode ser extraído da leitura da nota inicial, onde os sujeitos protagonistas são *singulares*, mas quase todos fazem parte de um único *eu*. assim, pareceu-me desde logo uma introdução indevida, da minha parte, querer lhes atribuir uma sequência marcada por números. deixo essa tarefa ao acaso ou, melhor ainda, por ser mais

realista, à escolha que fará a manicure, provavelmente ditada pelo espaço destinado à imagem em relação à sua realização. isso implica que as várias páginas (fragmentos de) possam ser apresentadas sem uma lógica que remeta ao texto original, mas ligadas ao ímpeto do pintor (em regra, pintora, nesta forma de arte). a solução vale apenas para a sequência das imagens nas unhas de uma única mão. ou seja, as figuras de 1 a 5 estão em uma mão, enquanto aquelas de 6 a 10 na outra. essa abordagem, ao superar o rigor temporal e fazer *dialogar* os dedos entre si, resolve também o problema do sentido das imagens, que devem apresentar sua parte inferior voltada para o centro da mão, conferindo à leitura um sentido mais voltado para si mesma do que para o exterior. o que está mais em sintonia com a forma de solilóquio mencionada na nota introdutória. naturalmente, quem

desejar transpor este relato para as próprias unhas deverá acordar com a manicure os aspectos técnicos para realizar as pinturas e, sobretudo, as formas mais adequadas sobre as quais executá-las. existem várias. a minha escolha recaiu sobre as ovoidais. parecem-me mais graciosas. menos ostensivamente invasivas. essas palavras não são ditas ao acaso, mas especificam que hoje há uma atenção particular à *nail art*, que cria verdadeiras obras de arte sobre a superfície das unhas. numerosos são, hoje em dia, os *nail artist* que realizam reconstruções especiais, aplicações de esmaltes e *glitter* com fantasia, em busca de uma unicidade estética efêmera. certamente efêmera. porque há um detalhe no qual eu realmente não havia pensado: as unhas crescem. inevitavelmente. queiramos ou não. como também nós deveríamos fazer. o fato não é irrelevante. com o tempo (cerca de um mês),

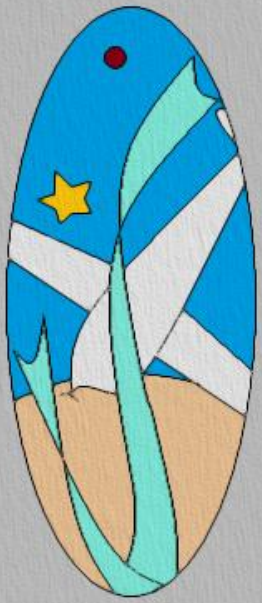
cresce a lúnula (o espaço entre a cutícula — a pelinha — e o corpo *ungueal,* isto é, a unha propriamente dita), com o consequente deslocamento para a frente da *margem livre*. assim, é preciso refazer tudo. no fundo, o reconstruir (reconstruir-se) está inscrito em nosso destino inevitável.

turim - 1 de janeiro de 2019

1

então o meu aeroplano
o acidente
e o deserto.
a mil milhas
de qualquer terra habitada
eu me considerava
gravemente quando

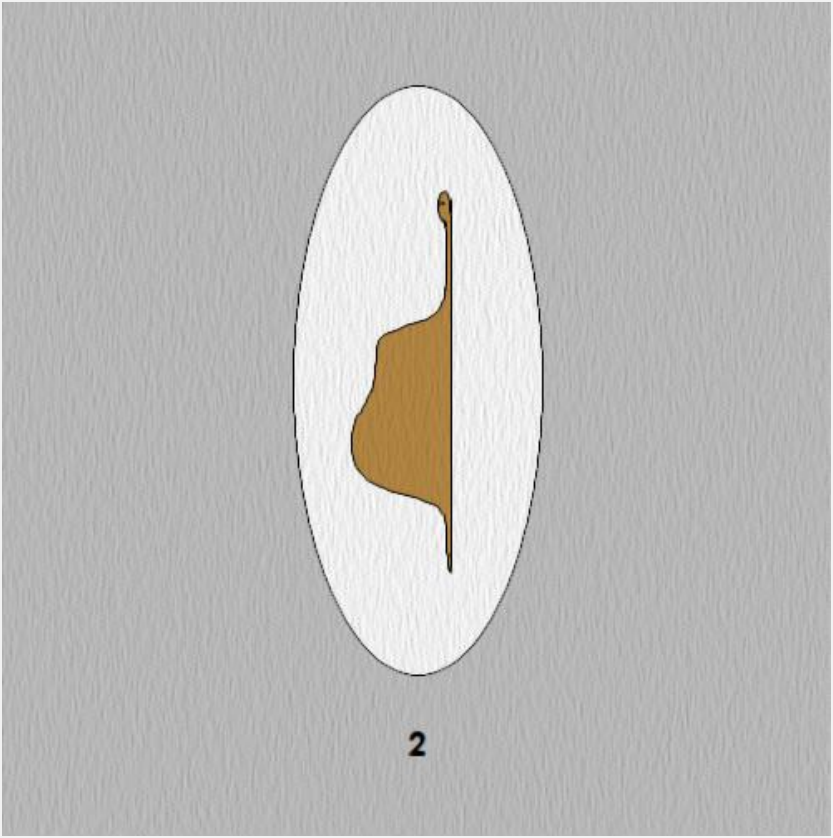
levei muito tempo
para entender de onde vinha.
fazia-me muitas perguntas
 e parecia que nunca ouvia as minhas.
 eu tinha caído do céu.



1

2

aos seis anos
a minha primeira obra-prima
uma jiboia
que digeria um elefante
não era um chapéu
mas os adultos
nunca entendem nada sozinhos
e a gente se cansa de explicar tudo o tempo todo.

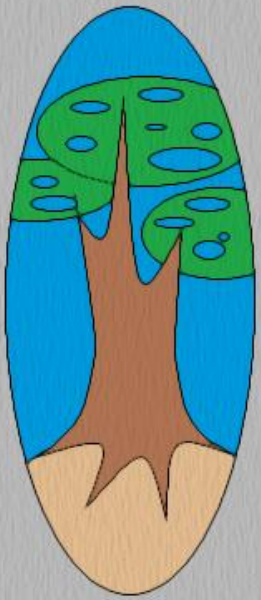

2

3

os baobás
antes de se tornarem grandes
começam por ser pequenos.

dormem no segredo da terra
até que a um ou a outro
pegue a fantasia do despertar.

dizer
— tenham cuidado com os baobás —
é advertir os amigos
com urgência.



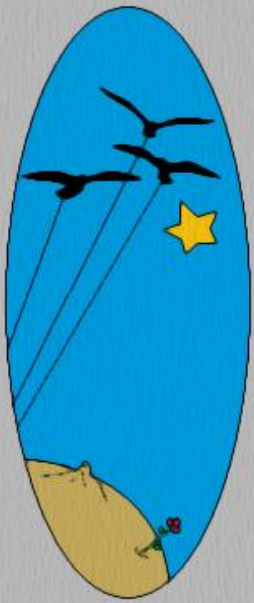
3

4

creio que me fui embora
aproveitando uma migração
de aves selvagens.

acreditava que não deveria
voltar nunca mais.

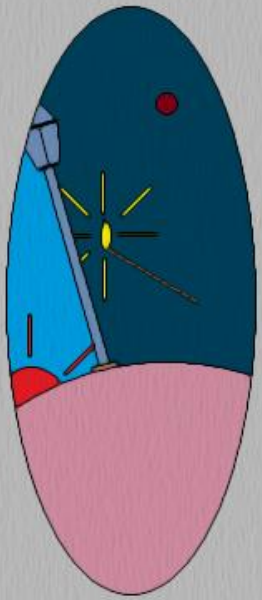
— você foi um tolo
como eu
tente ser
feliz —



4

5

que homem verdadeiramente
absurdo sou
(mas não mais do que os outros)
apago e acendo um lampião
tal como é a ordem
de um trabalho verdadeiramente
útil porque belo
ainda que hoje terrível.
não há nada a entender.



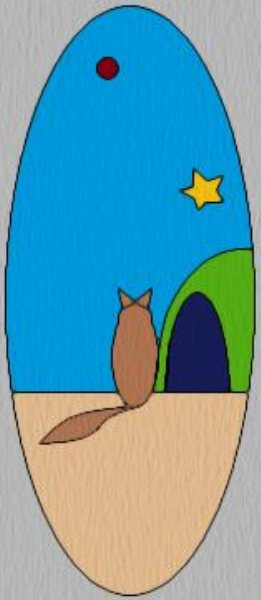
5

6

para brincar é preciso
ser cativado
e cativar é uma coisa
muito esquecida
significa
criar laços.

para se cativar
é preciso ser muito paciente.

em silêncio
(as palavras são fontes de mal-entendidos)

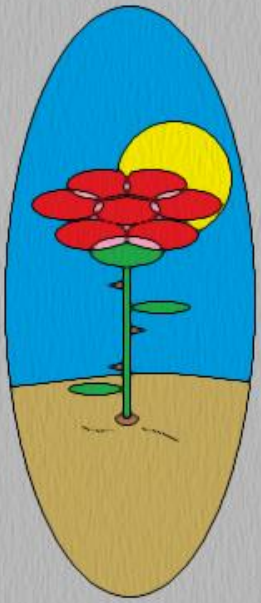


6

7

se tu me cativares
nós precisaremos
um do outro
e tu serás para mim
o único no mundo
e eu serei para ti
a única no mundo.

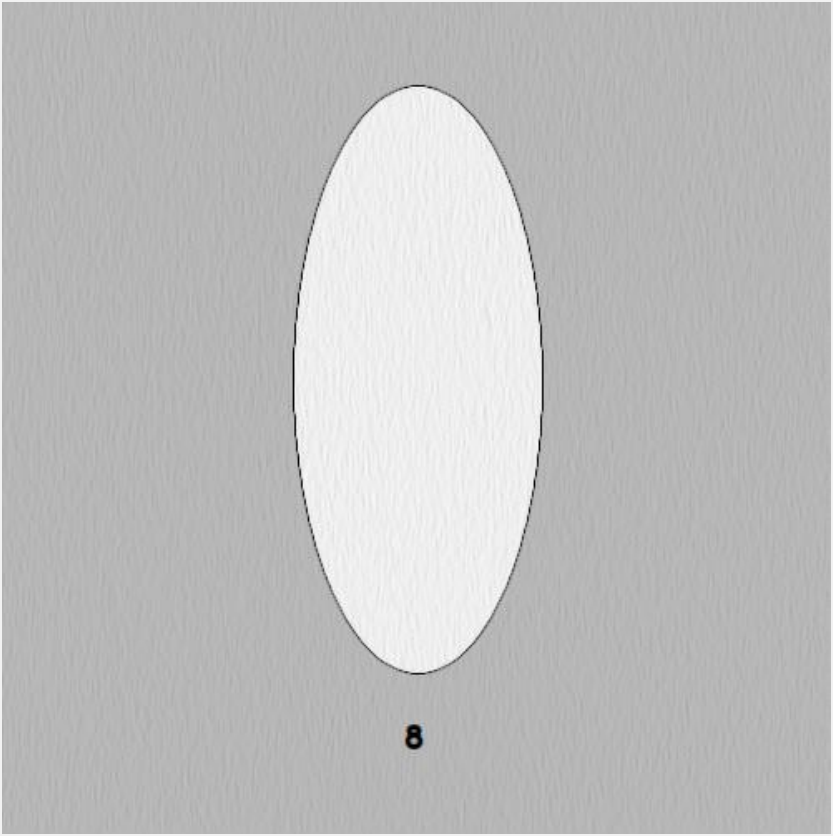
existe uma flor
acho que ela me cativou.



7

8

dou-te o meu segredo
— o essencial é invisível aos olhos —
— o essencial é invisível aos olhos —
repeti para que eu possa me lembrar.


8

9

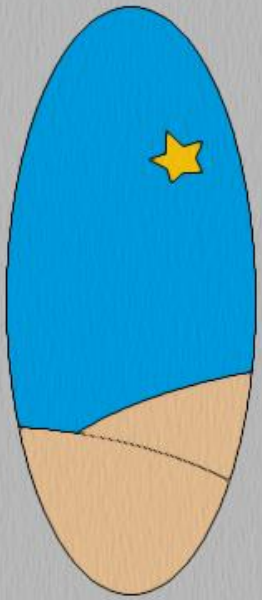
— está-se só também entre os homens —
disse-me a corrente de ouro no tornozelo
fina como um dedo
mas mais poderosa do que o dedo de um rei
— aquele que eu toco
eu o devolvo à terra
de onde veio —

— por que falas sempre por enigmas? — perguntei
— resolvo todos eles — respondeu
e ficamos em silêncio.

9

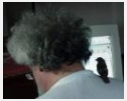
10

basta interrogar o céu.
mas talvez eu também
agora
já não compreenda mais
como isto tenha
tanta importância.



10

o autor



eu sou mino rosso. embora meu verdadeiro nome seja delfino. nasci no mês de fevereiro. no dia 18 de um ano qualquer. em turim. onde eu moro e trabalho como jornalista. e não só. bem. é isso. não gosto de contar muito sobre mim. que embora não seja pouco. eu considero inútil. e às vezes até tedioso. para quem é curioso eu me coloco em cena com alguns links. mas não exclusivamente. vocês podem me encontrar por lá.